CARTA DE ESPANHA

REPOSIÇÃO DO TEATRO de Federico Garcia Lorca

SE tivessemos de indicar qual foi a vida, para nós, o acontecimento mais importante da temporada teatral de 1959-1960 não vacilaríamos em dizer: a ópera a reposição, em Madrid e em Saragoça, de «La Zapatera Prodigiosa», de García Lorca. E confirmando o que nossos ouvintes tiveram dito em letras-pérolas da Notícias quando é ainda o acontecimento teatral da gente moça e de todos aqueles que conhecemos não se deveu a nenhum teatro de bilheteira, nem tão-pouco a qualquer das dois teatros subvencionados pelo Estado, mas antes, e sòmente, no Teatro Espanhol Universitário, ou seja a «Sala desinteressada empresa fluvial».

Essa obra de Lorca é, sem dúvida alguma, um primor. Soube ele, nela, conjugar o encanto com a poesia, a graça popular com a utilização das formulas folclóricas, o jogo cénico com a magia lírica, actualiza, numa palavra, poderosamente as melhores formulas do teatro lírico. Constitui uma verdadeira festa, que para os olhos, quer para os ouvidos, dos espectadores. (Lembremos que em Portugal a Companhia de Amélia Rey Colaço também representou, e com muito êxito, esta peça, maiúsculo espectáculo, por nosso e para nosso!)

Pois em Madrid a reposição deste «Primor» e dever e iniciativa do estudante de Filosofia e de Letras da Faculdade de Saragoça, Alberto Castilla, que foi igualmente seu director de cena. O triunfo que, pelos aplausos do público e da crítica, alcançou nas duas cidades, revelou-nos um dos seus grandes directores. E que o moço universitário soube encontrar no teatro lírico possibilidades de se exprimir «cular ao género do teatro de bonitrono, e não dentro da rígida elementar dessa modalidade teatral, não com uma liberdade que alcançou, também, de «ballet». E mantendo, na sua realização, uma fidelidade absoluta ao espírito da obra e de intenções do autor, mostrou, simultaneamente, o muito que há de força criadora numa direcção cénica, feita com respeito, com amor da arte e com um certo e forte cunho pessoal.

As crónicas que o público de Madrid tributou ao Teatro Espanhol Universitário de Saragoça, quando o pano do Teatro Eslava desceu, no final da peça, foi, por muitas crónicas e por muitas vozes, foram apontadas como sendo das mais calorosas que se ouviram em temporadas teatrais madrilenas. Nesses aplausos e nesses clamores de entusiasmo havia, claro está, acima de tudo, um preito prestado à glória, ainda não mais segura e mais rotunda, do malogrado poeta e autor dramático. Mas prestava-se, com eles, também, uma direcção cénica perfeita e uma interpretação impecável. Bem vezes, em resumo, se reputou unanimemente «A» Zapatera Prodigiosa» como formosamente exemplares (como, por exemplo, «Bodas de Sangre», «Yerma» e «La Casa de Bernarda Alba»), aquele o lirismo delicado dessa fina aquarela dramática que é «Doña Rosita la Soltera o el Lenguaje de las Flores»; sem o audacio do seu drama ultra-

POR ILDEFONSO-MANUEL GIL

BALANÇA

Creio que, na verdade, um romance só triunfa junto do leitor quando de sua «habitação» se desprende um clima onde as sugestões e as surpresas surjam como revelações. E, embora com personagens possíveis, estas pareçam, no entanto, raras, ou desvendem as obscuridades raras e até abismais que em qualquer ser podem, na sombra, habitar.

Parece-me que este novo romance de Fernando Botelho, *A Gota e a Fábula*, revela uma subida de nível em relação aos anteriores. *Calendário Proíbido*, por sua vez, superior a *Angulo Raro*. E essa subida faz-se precisamente pelo domínio da escritora na sua maneira de contar, na sua forma de comunicação. Pela força, pelo orgulho com que arremessa ao mundo as criaturas que a sua imaginação gerou e ao seu calor fez crescer, impregnando-as de uma vida que arrebata o leitor e o conquista. Neste romance de luta surdas, que Paula Fernanda rege e limina, duas paisagens me parecem definitivas. Uma, a do seu desafio à vida, e do quando Paula Fernanda ouve dizer que rebentou a guerra. «E viram-na, ao cair da tarde, galhada abaixo pelos campos, numa euforia de rebentou a guerra, atirando pedras às árvores e à água do ribeiro, pisando terras sementadas, arrancando rebentos, destruindo lagartos, espantando a passarada e as abelhas da colmeia, partindo os vasos que enfeitavam as escadas do celeiro» «levando, bárbara e negra, sob um sol pesado, na terra empapada pela recente rega, enfiada dos cães que, recordada a sua origem de lobos, a seguiam com balidos infernais e terríveis». E outra, a da sua vitória, na decisão de Duarte Henrique, que ela amara até ao desespero, por quem repetura amo e amar: «Voltou-se depois para Andre Dois-Dias o coração mão pedia Bertoldo: dois-Dias jovem e Messalina, estava disposta a dominá-lo».

E perante a incompreendida (e o era) de André Balbuzio: Tencionou pôr e ha-lo-ia, se quisesse.

Romance de garras e saltos bruscos como convém a gatas, mas também de sensibilidade, como convém a fêmeas. Um verdadeiro romance, o melhor e Fernanda Botelho, sem dúvida, escreveu-o com aprimoramento e cru, onde se desenrola, odiosa e em carne viva, uma vida de gumes e de limites.

•

Atento e comovido ante o fenómeno da Poesia, este o mistério da criação literária, é sempre, pode dizer-se, inspirado que Jacinto do Prado Coelho se debruça sobre a obra de um escritor ou de um poeta que o impressiona. O seu último estudo sobre Fernando Namora, antibalismo de acidade e revelações, foi mais uma vez a prova de quanto evoluciona a sua emoção à ordem do seu pensamento, de quanto a sua honesta expectativa intui e desvela na interpretação de uma obra que a despertá-lo é sempre, um motivo de cuidado e de [illegible]

Germes de Romantismo num Poeta Barroco (Pina e Melo) é um estudo dirigido no sentido de quatrocentos e de adivinhação de sementes e de células que haviam de produzir correntes mais definidas e duradouras na Poesia de então.

O interesse de Pina e Melo reside, antes de mais, em ser o produto exemplar duma época de transição. Formado num gongorismo temperado pelo magisterio camoniano, foi lendo, já dutrinal francesa — do padre Rapin e Bolleau a Voltaire — já autores portugueses que reflec-

(Continua na 19.ª página)

(Continua na 19.ª página)

E CERTAS PALAVRAS

a FERNAND VERHESEN

E certas palavras prazer
mágica água plenitude
a cor navegando alta
a casa com flores e chamas

este jardim da verdade
dizer pão água da vida
calado o tempo verdeiro
amor desta mão clara

A casa vive no tempo
aveiolo de sol e sombra
a porta abre-se e dia
a minha casa é sombra

Lá onde estou sem ninguem
o sonido da janela
onde te encontro palavra
sol e agua verdadeira

Onde regresso renasço
à mesa onde o trabalho
e uma flor que sagro
Aqui respiro o tempo
da madeira e do insecto

Aqui penetro o gasto
de agua lisa e da anfora
aqui devoro um momento

Sonho no branco do tempo
a chama lenta e pura
Sonho calado este espaço
sem palavras claridade

Um dia tentando o branco
encontrarás chamas dia
prumo e nível verdadeiro
círculo inteiro alma intacta

ANTONIO RAMOS ROSA

CHUVA

Nuvens, porque ameaçais de chuva e de tristeza
O dia que vi querta cristalino e sereno?
Porque quebrais o ritmo da minha da luz?
O meu coração que arde numa paixão oblíqua
Os meus olhos que buscam o terraço supremo
Fecham-se em concha de raiva perante a diagonal
Da chuva obliberando os cânticos do dia.

Rio de Janeiro, Nov. — 1959

ALBERTO DE LACERDA

ARTES e LETRAS

ASSIM FALA GEOMETRIA

ALMADA NEGREIROS RECONSTRUIU

A OBRA-PRIMA DA PINTURA PRIMITIVA PORTUGUESA NA CAPELA DO FUNDADOR DO MOSTEIRO DA BATALHA

e afirma: "Todo este trabalho seria para uma geração e não um trabalho individual como eu fiz. Não perdoo!"

O homem correcto por meia dúzia de pessoas, não acrediam muito nisso. Almada, há um mês, no Salão de Arte Moderna organizado pela Casa da Imprensa, teve oportunidade de ver dois magníficos trabalhos da sua autoria, com data bastante recente. No entanto, expectadores pelo «virus» profissional descobrem, procurá-lo-iam, demas

ENTREVISTA DE ANTÓNIO VALDEMAR

Os jornalistas, talvez diferentes pela profissão, não acreditam muito nisso. Almada, há um mês, no Salão de Arte Moderna organizado pela Casa da Imprensa, teve oportunidade de ver dois magníficos trabalhos da sua autoria, com data bastante recente. No entanto, expectadores pelo «virus» profissional descobrem, procurá-lo-iam, demas

ALMADA, 1957, óleo (0,8×0,8m): média e extrema razão (relação 9:10) conhecimento geométrico com que se fez a reconstituição da retábulo da Batalha

ECCE HOMO
Tábua pintada quatrocentista
Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa
painel central do retábulo de quinze da Capela do Fundador na Batalha

Relação $\frac{\text{largura}}{\text{altura}}$ painel Ecce Homo = $\frac{\text{circunferência}}{\text{circunferência}} = \frac{10}{7}$

DO PORTO E DA SUA VIDA ARTÍSTICA

O CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

e a sua 1.ª Exposição de Artes Plásticas

A propósito da conferência que o grande historiador compatriota cujóis, Together, proferiu há tempo no Dudólgio de Altos Estudos Militares, em Lisboa, publicou o prof. Delfim Santos no último número da revista «Colóquio», um artigo que, pela lucidez analítica e oportunidade das suas conclusões, é credor do reconhecimento e da meditação de todos as pessoas interessadas. E só a ele me referirei, abrindo assim um modesto comentário à notícia da uma exposição, é que, embora se alguém a primeira vista não

POR ANDRÉ REAL

AS ORIGENS

Inventar: ousadia
em torno deste corpo
num leito antigo e sempre
perpetuamente por abrir

Esse o meu destino:

Entrangular dia a dia
em lutas corpo a corpo
a maldição do círculo
e volver sempre e sempre
ao mesmo labirinto
em busca de uma origem
que me contenha e explique

ANTONIO CARLOS

CRÍTICA LITERÁRIA

★ TEMPO ESPANHOL e POESIAS (1925-1955), por Murilo Mendes
★ QUADERNA e DUAS ÁGUAS (Poemas Reunidos), por João Cabral de Melo Neto

POR JOÃO GASPAR SIMÕES

DAS duas mais activas bibliotecas-livros do nosso país — «Círculo de Poesia», da Livraria Atlântida, e «Círculo Poesia e Verdade», de Guimarães Editores — tomaram honrosas iniciativas de promover poetas brasileiros para figurarem

João Abreu, pintor português de Lourenço Marques, abriu uma magnífica exposição de óleos, guaches e desenho no S. N. I.

Trabalhar de um dos maiores valores da nossa arte moderna, através de quem a guerra de clima cultural arrojou não é dito pela visão de um

(Continua na 19.ª página)

ARTES e LETRAS

ASSIM FALA GEOMETRIA

(Continuado da 15.ª página)

não literária apresentou como seu instrumento o poema, e o poema é, ou não é, um correspondente-não ao ritmo plástico — pois que o arquitectonismo como tal é pertença do Cenário Verdes.

Retomando o fio da conversa anterior, diz-nos:

«Do pacto com Amadeu de Sousa Cardoso, Santa Rita Pintor e eu nada se adiantou. Não passaram quinze dias sem que Santa Rita Pintor e Amadeu de Sousa Cardoso se tornassem separado vinte-e-cinco-mais-dois. E quando, um ano mais tarde, Eduardo Viana, continuar a editar «Orpheu», já eu não era o mesmo.

No momento em que escrevo evidentes e bem palpitantes são os sinais de uma tabua de arquitectos a Nuno Gonçalves e, entre aqueles, Santa Rita Pintor e Amadeu de Sousa Cardoso, da mesma época.—«Eros Humano».

O nosso entusiasmo brando e vai bater em cheio, mais tarde, numa estatue. Abre-o em determinado sítio e pronto.

«Agora: desta «Sereia» retomo nos palmos a perspectiva dos indivíduos, com a sua ansiedade e corroborar a sua notoriedade, ela, e finalmente, o que é, ou pelo menos, no conhecimento do ser-sido depois dessa descoberta (ou) a revelação, a memória de Nuno Gonçalves sobre o «Eros Humano», que, não obstante de tanta, ainda alguns, são incomparavelmente aderentes a perspectiva dos indivíduos.

—Como por exemplo?

Almada Negreiros, para o geólogo que nos apresentara, atinou:

«Por exemplo, o é capital a revolução das dimensões dos «Eros Humano»—a largura e altura. Este facto não surgiu de um momento para decisivo no tem conhecimento acerca dos palmos. No entanto, se eliminarmos descobrir, a revolução, não só sobre os palmos, esses empreendimentos distribuídos em três épocas diferentes: a da sensibilidade inconsciente, dum conhecimento de que apenas nos lembramos, ainda, se quisermos, a coragem a ha-vitha quando já estava a «Sereia» e ainda outra coisa que ainda possuído dum certeza sincerizada. Além deste ano uma coisa que já fiz disto: a que está fora da minha arte e que era dever de outras que o não fizessem.

«Não era um resultado sobre os painéis a que eu me acomodava, mas exactamente aquilo que buscava a arte depois dos impressionistas»

—Para si qualquer coisa o simplificado dista estado?

—Excisado: seria dizer que o que me levou a este estado nas minhas circunstâncias de Portugal de hoje era bem mais pesado do que o caminho seguido pela arte, sobretudo a arte da pintura desde o princípio do nosso século e quase totalmente ligado com o século anterior — e sobretudo o XIX. Ainda muito bem informado dos tentativas de Malevitch, Kandinski, Paul Klee, Mondrian, Gropius, a fim de todas as letras tímadas pela arte moderna depois do «Eros» transformaçãs revolucio das impressionistas. E por outro lado, pelo geometra Mazniódge e pelos artistas Ernest Mneel e Lund. Simplesmente todos estes nomes que acabo de citar me tinham tradicionalmente elucidado em arte, da expressão exacta do movimento impressionista. O movimento impressionista foi, em ponto final e não do ponto de partida — o ponto de partida seria depois do ponto finala.

E, sublinhando bem o seu pensamento:

«Como vê através das minhas confidades, não era absolutamente um resultado sobre os painéis a que eu me acomoda, mas exactamente aquilo que buscava a arte moderna depois dos impressionistas. Isto é, é no encontro de um caminho. Em à razão fundamental de todo o meu trabalho.

BALANÇA

(Continuado da 15.ª página)

tiam e divulgavam nossa língua — Valadares e Sousa, Verney, Francisco José Freire — a ponto de, no final dessa longa vida, adoçar um compromisso entre o diabrisa neoclássico (naturalidade, clareza, ordem, do vazadiel e do perozinil) e uma tradição, bastante mitigada, de poesia imaginosa e subtil.

Bocage e Romantismo são elementos substantivos, que o poeta Jacinto do Prado Coelho, o fizeram, no poeta Pina e Melo do séc. XVIII, desfibrar, talvez por mais nítidas, tradições e correspondências depois de explicar, quase rigorosamente, a génese da sua poesia. E termina o seu lúcido trabalho deste modo: O nosso Pré-Romantismo não se explicaria só por modelos franceses e anglo-germânicos, antes resultaria da emergência de tais estímulos com uma tradição lírica, preexistente, sem quebra de continuidade.

N. P.

AZULEJOS PORTUGUESES NO BRASIL

No dia 17, às 21.45, o sr. eng. Santos Simões proferirá, no auditório da Francisco Cabonte Gulbenkian da avenida de Berna, uma conferência intitulada «Azulejos portugueses no Brasil». Este trabalho do ilustre investigador e crítico de arte está relacionado com a sua viagem do ano passado ao país irmão, durante a qual, em missão da Fundação Gulbenkian, patrocinada pelo Ministério da Educação daquele país, realizou profundos estudos sobre a azulaeria portuguesa existente no Brasil.

ALMANAQUE
Diario de Noticias
O MELHOR ALMANAQUE PORTUGUÊS

ACABA DE SAIR
TELHADO ALTO
Novo romance de JOY PACKER
A FAMOSA AUTORA
DE: O VALE DAS VINHAS
1 vol. de 370 páginas, capa ilustrada ... 30$00
EDIÇÕES ROMANO TORRES — A venda nas livrarias e tabacarias
70, RUA ALEXANDRE HERCULANO, 76 — LISBOA

CRÍTICA LITERÁRIA

(Continuado da 15.ª página)

cido de poeta preste a haver necessidade de «Eros Humano» e «Sereia» transpor para o plano da criatividade objectiva e que até a «Clemente» pública se ainda tinha a Nuno Gonçalves e, entre aqueles, Santa Rita Pintor e Amadeu de Sousa Cardoso, da mesma época.—«Eros Humano».

O nosso entusiasmo brando e vai bater em cheio, mais tarde, numa estatue. Abre-o em determinado sítio e pronto.

«Agora: desta «Sereia» retomo nos palmos a perspectiva dos indivíduos, com a sua ansiedade e corroborar a sua notoriedade, ela, e finalmente, o que é, ou pelo menos, no conhecimento do ser-sido depois dessa descoberta (ou) a revelação, a memória de Nuno Gonçalves sobre o «Eros Humano», que, não obstante de tanta, ainda alguns, são incomparavelmente aderentes a perspectiva dos indivíduos.

—Como por exemplo?

Almada Negreiros, para o geólogo que nos apresentara, atinou:

«Por exemplo, o é capital a revolução das dimensões dos «Eros Humano»—a largura e altura. Este facto não surgiu de um momento para decisivo no tem conhecimento acerca dos palmos. No entanto, se eliminarmos descobrir, a revolução, não só sobre os palmos, esses empreendimentos distribuídos em três épocas diferentes: a da sensibilidade inconsciente, dum conhecimento de que apenas nos lembramos, ainda, se quisermos, a coragem a ha-vitha quando já estava a «Sereia» e ainda outra coisa que ainda possuído dum certeza sincerizada. Além deste ano uma coisa que já fiz disto: a que está fora da minha arte e que era dever de outras que o não fizessem.

«Não era um resultado sobre os painéis a que eu me acomodava, mas exactamente aquilo que buscava a arte depois dos impressionistas»

—Para si qualquer coisa o simplificado dista estado?

—Excisado: seria dizer que o que me levou a este estado nas minhas circunstâncias de Portugal de hoje era bem mais pesado do que o caminho seguido pela arte, sobretudo a arte da pintura desde o princípio do nosso século e quase totalmente ligado com o século anterior — e sobretudo o XIX. Ainda muito bem informado dos tentativas de Malevitch, Kandinski, Paul Klee, Mondrian, Gropius, a fim de todas as letras tímadas pela arte moderna depois das «Eros» transformaçãs revolucio das impressionistas. E por outro lado, pelo geometra Mazniódge e pelos artistas Ernest Mneel e Lund. Simplesmente todos estes nomes que acabo de citar me tinham tradicionalmente elucidado em arte, da expressão exacta do movimento impressionista. O movimento impressionista foi, em ponto final e não do ponto de partida — o ponto de partida seria depois do ponto finala.

E, sublinhando bem o seu pensamento:

«Como vê através das minhas confidades, não era absolutamente um resultado sobre os painéis a que eu me acomodava, mas exactamente aquilo que buscava a arte moderna depois dos impressionistas. Isto é, é no encontro de um caminho. Em à razão fundamental de todo o meu trabalho.

BALANÇA

(Continuado da 15.ª página)

tiam e divulgavam nossa língua — Valadares e Sousa, Verney, Francisco José Freire — a ponto de, no final dessa longa vida, adoçar um compromisso entre o diabrisa neoclássico (naturalidade, clareza, ordem, do vazadiel e do perozinil) e uma tradição, bastante mitigada, de poesia imaginosa e subtil.

Bocage e Romantismo são elementos substantivos, que o poeta Jacinto do Prado Coelho, o fizeram, no poeta Pina e Melo do séc. XVII, desfibrar, talvez por mais nítidas, tradições e correspondências depois de explicar, quase rigorosamente, a génese da sua poesia. E termina o seu lúcido trabalho deste modo: O nosso Pré-Romantismo não se explicaria só por modelos franceses e anglo-germânicos, antes resultaria da emergência de tais estímulos com uma tradição lírica, preexistente, sem quebra de continuidade.

N. P.

AZULEJOS PORTUGUESES NO BRASIL

No dia 17, às 21.45, o sr. eng. Santos Simões proferirá, no auditório da Francisco Calouste Gulbenkian, na avenida de Berna, uma conferência intitulada «Azulejos portugueses no Brasil». Este trabalho do ilustre investigador e crítico de arte está relacionado com a sua viagem do ano passado ao país irmão, durante a qual, em missão da Fundação Gulbenkian, patrocinada pelo Ministério da Educação daquele país, realizou profundos estudos sobre a azulaeria portuguesa existente no Brasil.

ALMANAQUE
Diario de Noticias
O MELHOR ALMANAQUE PORTUGUÊS

REPOSIÇÃO DO TEATRO de Federico Garcia Lorca

(Continuado da 15.ª página)

mitado semelhante em elogios de críticos e em comentários de especialistas.

A reposição de «La Zapatera Prodigiosa» foi em Saragossa, onde se viu brilhante de representações que constituíram um Festival Nacional no teatro «Principal» da Escola de Engenharia Industrial da Madrid, a Faculdade de Direito de Barcelona e os teatros universitários de Valência e de Saragosa enfeitaram nesta cidade.

Uma cena de «LA ZAPATERA PRODIGIOSA» representada pelo Teatro Espanhol Universitário de Saragoça no Teatro Eslava de Madrid

petição, Corsa de Unamuno, de Eternmoch, de Pérpaldiz, de Thersion Müller e de Hilmann Sous Sarmiento dirigidas e interpretadas por mesmo universitários, que se dirigiram com entusiasmo e sucesso não somente na sua cidade, mas também, que, no fundo, se dignificaram apenas uns quantos prémios honoríficos.

«La Zapatera Prodigiosa» obteve, tal como Santa obtido, uma semana antes, em Madrid, um clube unanime, e por ela seu director e interpreto alcançaram quatro prémios, prémio, sorteio também para demonstrar que se o público muitas vezes alcançaram quatro prémios, textos e por não lhe darem aquilo que ele deseja e de que gosta. Os libros para o teatro de Lorca vê-nos, espaçados alguns hoje, entre mas um estado permanente pouco. No número de certeiros e acertados, o público de Lorca, tem sido um «sorte excitados. Ah! a estatua, as cadeiras, a mensagem de Lorca, as ideias gerais e os princípios que iluminaram, fundamental Eternos, tratam dos seus interesses com o público, não tinha pro-gosto, o realidade era tudo!

Mas que era «Lorca»? «Lorca», «Lorca», que pensa Jaimiquel, que pensa Jaimiquel, que pensa Jaimiquel, que pensa Jaimiquel, sutrogo e insensato de Lorca, que «Lorca» e «Lorca» e «Lorca» e